

O manifesto da ABAKO e o movimento de independência no Congo (RDC), 1956-1960

EVELYN ROSA DO NASCIMENTO¹

A viagem exploratória pelo rio Congo e o "coração da África" liderada pelo jovem ambicioso Henry Morton Stanley, em 1877, traçou o encontro dos destinos da Bélgica e da atual República Democrática do Congo. A partir desta façanha, cujo um dos objetivos era a busca de Livingstone, um missionário e explorador britânico, Stanley publicou artigos e livros sobre a África e ficou conhecido pela célebre frase "Livingstone, I presume?", que teria dito ao achar o missionário. Apesar do feito ter sido considerado uma farsa inventada por Stanley para avolumar sua coleção de aventuras pela África, sua frase é lembrada até os dias de hoje para se referir à missão exploratória europeia, como por exemplo dando nome a uma exposição digital do Arquivo do Estado belga, a qual estamos utilizando nesta dissertação. Foi após esta expedição de travessia pela África, que Stanley foi contratado por Leopoldo II, iniciando seu processo colonizador no coração da África. A empreitada do rei belga pelas terras do Congo rendeu à Bélgica uma verdadeira fonte de renda, que proporcionaria sua formação do Estado belga. Entretanto, junto com a década de 1950 um novo cintilar chegou as terras congolêsas, inaugurando na colônia o "desabrochar" da luta pela independência.

O processo de libertação do Congo, atualmente conhecido como R. D. Congo, consistiu em um movimento que deve ser analisado a partir de perspectiva interna à sua reverberação externa. Uma série de acontecimentos circunscreveu esse decurso: a atuação dos partidos e associações na deflagração do desejo de libertação; a participação do povo congolês para intensificação do movimento anticolonial; a importância financeira da Província de Katanga para Economia belga e o movimento separatista elaborado simultaneamente ao processo de libertação nacional. Dessa maneira, é através das manifestações na colônia e o agenciamento de seus habitantes que compreendemos o florescer do sentimento nacional no Congo.

O período, denominado, de descolonização e eclosão de lutas pela libertação nacional no Congo representou uma grande importância para os sujeitos que vivenciaram o regime colonial e para a história do país e da Bélgica, que a partir de sua independência estabeleceu uma nova fase para ambos os países. De acordo com Adam Hirsch: " O testamento de Leopoldo tratava o Congo tão somente como mais uma grande propriedade imobiliária sua, totalmente despovoada e à disposição dos caprichos do dono." Não há um processo colonial

¹ Mestranda, bolsista CAPES, no programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, PPHR-UFRRJ.

que possa ser elencado com mais ou menos desumanizador, todos fizeram uso da violência física e psicológica para manutenção do regime. Contudo, a prática de fazer reféns para o trabalho forçado, os números de pessoas mortas - no período de 1885 até 1924 estima-se a morte de 10 milhões de pessoas² - e mutiladas decorrentes das diversas formas das brutalidades no Congo nos chamou atenção para o virulento regime colonial belga. Apesar da existência de outros países da África francófona serem marcados pela violência colonial³, a colonização belga é considerada uma das que mais estabeleceu medidas discriminatórias, como por exemplo, separação de regiões onde somente era permitida a habitação de brancos e a separação e hierarquização dos postos de trabalho reservados aos brancos.⁴ Apesar disso, no contexto hostil da colonização também existiram sujeitos que se utilizaram deste regime para seu próprio benefício, pois sabemos que complexas relações de poder no espaço colonial também são dotadas de trocas e negociações. Segundo Jean-Claude Willieme, "não podemos reduzir os conflitos internos do Congo à maquinação política belga" (WILLIAME, 1990:161). Assim, tendo em vista a complexidade do assunto e os cuidados necessários, percebemos que uma análise crítica ao sistema colonial desenvolvido no território congolês é elementar para compreender o percurso histórico da formação do Estado Belga, bem como o processo de libertação no Congo.

Dessa forma, nossa preocupação consiste em analisar o agenciamento e organização política de congoleses e outros sujeitos engajados na luta anticolonial e no resgate da humanidade, diante desse contexto colonial. Para além do anticolonialismo, podemos perceber os processos de descolonização como uma busca pelo fim das brutalidades que possibilitaram a conquista da independência política. Ao mesmo tempo essa luta permitiu repensar questões sobre a dignidade humana, defendia o abandono de práticas bárbaras e desumanas praticados pelo sistema colonial. Analisamos os congoleses como atores sociais

² HOSCHILD, ADAM. O fantasma do Rei Leopoldo : Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 242.

³ Autores como Frantz Fanon, Albert Memmi e Aimé Césaire também possuem trabalhos profundos sobre a violência colonial. Além desses, a literatura francófona de Ousmane Sembene com "*Les bouts de bois de Dieu*", de Mongo Beti com "*Une main mise sur le Cameroun*" e *Une vie de boy e Ville cruelle* de Ferdinand Oyono deixa claro que os processos coloniais franceses cometeram também atrocidades nas suas diversas colônias na África e em Madagascar.

⁴ "De modo geral, a colonização belga é considerada, de acordo com a documentação disponível, a mais cruel e a mais brutal de todas na África negra. Na prática, mesmo a discriminação racial anglo-saxônica considerada como a mais feroz, nunca produziu tantas leis discriminatórias, nem adotou medidas de segregação tão rígidas como a tutela belga." MUNANGA, Kabengele. A República Democrática do Congo. Casa das Áfricas. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>

que possuíam identidades e pressupostos diferenciados a partir de sua experiência como colonizados, embora, muitas vezes, suas críticas fossem apoiadas em ideais europeus.

Nesse período de descolonização, atores sociais e eventos se destacaram constituindo elementos de referência na luta e conquista desse processo. Assim como ocorreu na independência de outros países pelo mundo, nos países africanos estabeleceram-se heróis nacionais e acontecimentos chaves para representar a luta contra a colonização e subjugação. A partir dessa perspectiva, a fim de não silenciar a memória⁵ da atuação de outros sujeitos, buscamos aqui analisar o processo de independência através de sua diversidade e agenciamento de indivíduos comuns, ou outros líderes políticos que ao lado de Lumumba ou não estiveram na busca pelo fim do regime colonial e da subjugação do congolês. Dentro dessa perspectiva líderes africanos, como Lumumba, são tratados de forma heróica dentro do processo de independência do Congo. Essa abordagem é oriunda, em grande parte, da necessidade de construção de identidade e sentimento nacional de países recém independentes.

Assim, apesar da indiscutível importância da atuação política de Lumumba para os movimentos de independência no continente africano e no Congo, sua mobilização, atuação e experiência no processo de libertação devem ser dialogados com a experiência de outros atores sociais. Consideramos relevante esquivarmos da centralização da memória em torno de sua figura, que de certa forma, deslocou outras questões políticas que estiveram centradas na atuação de outros atores sociais e dos denominados *évolués*⁶. Com esse objetivo de colocar em cena esses outros atores, procuraremos analisar, neste trabalho, os movimentos anticoloniais e a atuação de alguns partidos no Congo.

A principal fonte utilizada para abordar a atuação dos partidos e associações sindicais nesse processo foi o manifesto da ABAKO e outros documentos referentes a essas instituições, retirados da exposição de acervo digital do Arquivo do Estado Belga. Estes documentos fazem parte de uma exposição digital sobre a atuação colonial belga, no qual

⁵ POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf

⁶ Explicando de forma simplificada, sem pretensões de conseguir elucidar a complexidade que o termo carrega em sua definição, podemos dizer que o congolês considerado um “*évolué*” era aquele que dominava a fala e a escrita da língua do colonizador, que adotava comportamentos, costumes e cultura ocidental e possuíam a carta de matrícula, que comprovava essas atribuições citadas e o habilitava a ser empregado em cargos de trabalho mais elevados que os ocupados pelos demais congolezes.

podem ser encontrados documentos sobre o Congo, Ruanda e Burundi. Nesta exposição digital de documentos, intitulada "*Archives, I presume ? / Trace d'un passé coloniale aux Archives de l'État*" (Arquivos, eu presumo? Vestígios de um passado colonial nos Arquivos do Estado)⁷, não há séries completas da documentação impressa uma vez que, para realizar essa exposição, foi realizada uma seleção. Segundo os organizadores do arquivo, projeto teve o objetivo de facilitar o acesso a alguns documentos a pesquisadores e interessados no assunto. Afinal, muitos documentos sobre a colonização belga encontram-se dispersos pela Bélgica e em outros países. Uma das preocupações explicitadas pelos organizadores era demonstrar os impactos da colonização nas sociedades autóctones. Essa exposição faz parte de um projeto maior desenvolvido pelo Arquivo do Estado Belga e o Museu Real da África Central (MRCA) na elaboração de um *Guia de arquivos relativos à história colonial da República Democrática do Congo (RDC) e a história "mandataire" de Ruanda e do Burundi, séculos XIX e XX*⁸, que se encontra em fase de construção.

O Arquivo do estado Belga é uma instituição científica federal, cujo principal objetivo é conservar documentos produzidos ou gerenciados pelo governo, tais como: registros feitos pelos tribunais, governos, notários entre outros. Tendo em vista a elaboração e seleção desse "corpus documental" ter sido realizada por instituições ligadas ao Estado, temos que ter em vista a intencionalidade destas de demonstrar também o trabalho civilizatório e urbanizador realizado no Congo, muitas vezes omitindo documentos que explicitem as brutalidades por trás desse sistema colonial. Nesse sentido, para ter esses documentos como fonte, levamos em conta seu perfil institucional, analisando-os criticamente.

"Povo congolês, levanta-te"!!!⁹

⁷ O Arquivo do Estado Belga possui vasto acervo documental. Com mais de mais de 200 quilômetros e 25 quilômetros de livros de arquivo, apenas uma pequena amostra esta disponibilizada na exposição digital. A exposição digital com a qual estamos trabalhando, "*Archives, I presume ? / Trace d'un passé coloniale aux Archives de l'État*", foi organizada em duas grandes temáticas: "125 anniversaire du Traité de Berlin" e "75 ans de présence belge en Afrique centrale". Ambas divididas em outras duas subáreas, a primeira em: *O motivo do lucro* (Le motif lucratif) e *O motivo do fracasso do lucro* (L'échec du motif lucratif) e a segunda em: A colônia modelo (La colonie modèle) e o fracasso da colônia modelo (L'échec de la colonie modèle).

⁸ Guide des archives relatives à l'histoire coloniale de la République démocratique du Congo (RDC) et l'histoire mandataire du Rwanda et du Burundi, XIXe-XXe siècles. Ver <http://www.expocongo.be/content.php?m=3&l=fr>;

⁹ A expressão "Peuple Congolais, debout!!!" com os três pontos de exclamação demonstravam a convocação do povo congolês no movimento pela libertação do Congo. Referes-se ao chamado da revista número 3 da *Conscience Africaine*, de novembro-dezembro de 1956. Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p. 237.

Em julho de 1956, em Leopoldville, foi publicado o *Manifesto da Conscience Africaine*¹⁰, evidenciando a eclosão da "evolução" política e organização do movimento anticolonial no Congo. A publicação desse manifesto, que segundo Isidore Ndaywel foi assinado por 37 vigários episcopais após realização de cinco plenárias¹¹, inaugurou o processo interno de luta pela libertação no Congo, pois a partir dele verificamos a eclosão de movimentos, partidos, associações que manifestariam, cada um a seu jeito, a crítica ao sistema colonial. De acordo com o Bulletin de Séances¹², de 1957, publicado pela Academia Real de Ciências Coloniais, o manifesto pode ser considerado como a "exteriorização mais marcante da evolução política e reação ao Plano publicado por Van Bilsen"¹³. Abaixo podemos observar um trecho de nota publicada pela *Conscience Africaine* sobre seu manifesto,

"Le Manifeste contient uniquement nos idées — lisons-nous dans Conscience Africaine de septembre-octobre 1956 — telles que nous les avons mises au point en équipe après de longues discussions. Ces idées expriment les aspirations et les sentiments les plus profonds des Congolais.

L'enthousiasme unanime que le Manifeste a suscité partout au Congo, prouve que nous avons dit tout haut ce que les Congolais pensent tout bas. Nous n'hésitons pas à affirmer qu'aucun Européen n'aurait été capable de rédiger ce manifeste à notre place (1). Il faut être Congolais pour connaître le fond des idées et des sentiments des Congolais. Il faut être Congolais pour les exprimer avec précision», (Conscience Africaine n° 2, septembre-octobre 1956, page 2)."¹⁴

¹⁰ O grupo de reflexão Conscience Africaine, chamado por Ndaywel à Nziem como "cercle culturel", foi fundado em 1951. Além de reuniões e conferências o grupo também publicava suas reflexões sobre questões políticas e sociais no Congo.

¹¹ NDAYWEL à NZIEM, Isidore. Histoire du Congo, Des origines à nos jours. Bruxelles/ Kinshasa(RDC): LE CRI/AFRICAN EDITIONS, 2009. p. 168

¹² A publicação de "Bulletin de Seances III-1957-2", foi realizada com base na reunião de 27 de Janeiro de 1957 por comissão presidida pelo "Monde missionnaire et religieux" Mgr. Natal De Cleene, o diretor e outros participantes que como Jean Stengers, Van Derlinden, professor e historiador e Jean Jadot do Setor de Negócios, organizada pela Classe das Ciências Morais e Políticas, da Academia Real de Ciências Coloniais, atualmente conhecida como Academia Real de Ciências do Além Mar. A fonte traz reflexões em torno da evolução política no Congo, a partir dos redatores e integrantes da Academia que consideram importante a reflexão sobre a "evolução" política congoleza que teria se iniciado a partir da atuação de Leopoldo II.

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniale. Disponível em: http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

¹³ Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p.229. Disponível em:

http://www.kaowarsom.be/documents/BULLETINS_MEDEDELINGEN/1957-2.pdf

¹⁴ Tradução livre da autora: "O Manifesto contém apenas as nossas ideias - lemos na Consciência Africana setembro-outubro 1956 - como temos desenvolvido, como uma equipe, depois de longas discussões. Essas ideias expressam as aspirações e sentimentos mais profundos dos Congolezes.

O entusiasmo unânime que o Manifesto tem gerado no Congo, prova que nós dissemos em voz alta o que os Congolezes estão pensando. Não hesito em dizer que nenhum europeu seria capaz de escrever este manifesto em nosso lugar (1). É preciso ser congolês para conhecer a fundo as ideias e sentimentos dos congolezes. É preciso ser congolês para expressá-los com precisão."

O manifesto da *Conscience Africaine*, que teve por objetivo declarar o anseio pela independência nacional, foi o primeiro documento de manifestação pública no Congo sobre o intuito de libertação imediata da colônia, tendo grande importância para o contexto interno de luta anticolonial. Nesse sentido, a partir de 1956 ocorreu o estabelecimento do movimento interno de busca pela libertação do Congo Belga. O documento expressa sua originalidade congoleza, reforçando que suas ideias e reivindicações são resultados do sentimento e experiência daqueles que vivem o regime colonial e, assim, representavam o povo congolês.

“A ABAKO quer e busca o reconhecimento e proclamação da independência do Congo”¹⁵

A Aliança dos Bakongo no Congo¹⁶, mais conhecida como ABAKO, foi fundada em 1950 como uma associação, cujo objetivo era defender e resguardar a língua e os interesses dos que pertenciam a etnia Kongo e da expansão do língala, língua utilizada pelos colonizadores belgas e pela Force Publique¹⁷. O povos Kongo era um grande e diversificado grupo étnico constituído de vários subgrupos como os Vili, os Woyo, os Solongo, os Bembe, os Sundi, os Yombe entre outros.¹⁸ Dessa forma, a proposta da Aliança dos Bakongo era direcionada a um grande público dessa etnia cujos interesses e ideologias eram bem diversos. Ademais, o trabalho de Jean Loup Amselle e M'Bokolo também chamou a atenção para o cuidado que devemos ter ao utilizar o vocábulo etnia. Ao longo dos processos coloniais, os administradores coloniais inventaram e faziam manipulações políticas desses grupos étnicos segundo os seus interesses.¹⁹

Segundo M'Bokolo, a ABAKO ganhou direcionamento político somente em 1954, quando Joseph Kasa-Vubu assumiu o cargo de liderança e acentuou a politização da

Bulletin des Séances (Nouvelle série) III-1957-2. Classe des Sciences Morales et Politiques. Baron A. de Vleeschauwer. Réflexions sur l'évolution politique du Congo belge. Bruxelles: Academie Royale des Sciences Coloniales, 1957, p.229-230.

¹⁵ Frase retirada do manifesto pela independência produzido pela Aliança dos Bakongo (ABAKO): "L'ABAKO veut et demande la reconnaissance et la proclamation de l'indépendance du Congo". Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr>

¹⁶ Também existiu Aliança dos Bakongo em Angola, entretanto nossa análise focará na ABAKO do Congo Belga.

¹⁷ MOBOKOLO, Elikia. África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II, 2ªed. Edições Colibri., p. 528-529.

¹⁸ OBENGA, Théophile. Le Zaïre: Civilisations traditionnelles et Culture moderne (Archives Culturelles d'Afrique Centrale). Paris: Présence Africaine, 1977, p. 44.

¹⁹ AMSELLE, Jean Loup e M'BOKOLO, Elikia. Au Coeur de l'ethnie: ethnologie, tribalisme et Etat en Afrique. Paris: La Découverte/Poche, 2005.

associação, através da difusão da associação entre os Kongos da capital e de sua inserção nos meios rurais.²⁰ Podemos salientar que sua formação dever ser observada como uma congregação que visava naquele momento re-equilibrar as forças políticas dos autóctones e assim reduzir os privilégios outorgados pelos colonizadores aos falantes da língua Lingala.

Antes de analisarmos o manifesto elaborado pelo ABAKO, consideramos importante situar brevemente o contexto no qual os partidos políticos se estabeleceram no Congo. Os partidos políticos tiveram papel importante no movimentos pela libertação e na difusão do nacionalismo no Congo, segundo M'Bokolo, apesar da existência anterior de alguns partidos, o estabelecimento e surgimento de grande parte dos partidos, associações ou afins nas colônias da chamada África francesa e britânica deu-se no período da Segunda Guerra Mundial (1939-45)²¹. Entretanto, a formação dos partidos faz parte de longos processos que se diferenciaram de acordo com o contexto local e temporal em que foram fundados e dos sujeitos que o integravam.²²

Entre os eventos que tiveram grande importância na expansão do sentimento anticolonial estão a liberação de formação de partidos e a realização da primeira consulta eleitoral realizada em Léopoldville, Elisabethville e Jadotville em 1957, a Exposição Universal de Bruxelas, a Conferência dos Povos Africanos em Acra e a visita do General De Gaulle em 1958.²³ Para Isidore, "a partir da febre eleitoral, os anos de 1958 e 1959 constituíram-se em um período decisivo para a aceleração do processo de estabelecimento da consciência nacionalista"²⁴. Dentro dessa perspectiva, podemos destacar que a partir de 1956 os movimentos anticoloniais ganharam maiores proporções, através do surgimento de partidos e de um crescimento da adesão de jovens às associações e manifestações anticoloniais. Somado a isto, as conquistas provenientes dessa mobilização também intensificam esse processo.

Na intensidade e rapidez da evolução do processo de independência no Congo, surgiu uma grande quantidade de partidos, com variadas demandas políticas e sociais. É possível

²⁰ MOBOKOLO, Elikia. África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II, 2^oed. Edições Colibri., p. 529.

²¹ MOBOKOLO, Elikia. África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II, 2^oed. Edições Colibri., p. 523

²² MOBOKOLO, Elikia. África Negra: História e Civilizações (Do século XIX aos nossos dias). Tomo II, 2^oed. Edições Colibri., p. 523.

²³ NDAYWEL è NZIEM, Isidore. Histoire du Congo (Des origines à nos jours). Belgique/Kinshasa: Le Cri/ Afrique Éditions, 2009, p. 175.

²⁴ NDAYWEL è NZIEM, Isidore. Histoire du Congo (Des origines à nos jours). Belgique/Kinshasa: Le Cri/ Afrique Éditions, 2009, p. 171.

dividir esses partidos em quatro grupos: 1) os partidos de "criação circunstancial", formados por integrantes de associações já existentes (MNC e PNP), 2) o grupo dos que surgiram a partir de uma base federalista étnica ou regional (ABAKO, Balubakat, Conakat), 3) partidos cuja proposta era panafricana, intercomunitária (CEREA) e 4) o grupo de partidos que se formaram com o objetivo de promover o meio rural, que repudiavam o imperialismo urbano (PNP).²⁵

Afim de sistematizar o perfil dos principais partidos elaboramos um quadro a partir de informações contidas no "Dossiê sobre a Conferência belgo-congolesa *Table Ronde*, publicado em 1960 pelo Centro de Pesquisa e de Informação Sociopolítica (CRISP)"²⁶. Organizamos o quadro visando que o leitor pudesse visualizar de forma simplificada os principais partidos que participaram do processo de independência no Congo. Observando o quadro podemos também, superficialmente separar os partidos entre unitaristas e federalistas. A maior parte desses partidos foi criado nos anos de 1958-59, período em que houve uma efervescência de manifestações anticoloniais e a independência já se colocava como imediata.

²⁵ NDAYWEL è NZIEM, Isidore. Histoire du Congo (Des origines à nos jours). Belgique/Kinshasa:Le Cri/AfriqueÉditions, 2009, p. 175- 176.

²⁶ J. Gerard-Libois& Benoit VERHAEGEN.Congo 1960. TOME I. La Table Ronde, pour connaître, pour comprendre tout. Le Dossier du CRISP (Centre de recherche et d'Information socio-politiques), p. 17 - 18. Disponível em: <https://sites.google.com/site/lumumbaproject/la-table-ronde-belgo-congolaise> (26/03/15)

XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES DATA DE FUND. DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

PARTIDOS	SIGLA	FUNDAÇÃO /Local	Presidente	Informações Gerais
Aliances des Bakongo	ABAKO	1956	M. Joseph Kasa-Vubu	Federalista. Ganhou 133 dos 170 assentos nas eleições municipais de Dezembro de 1957, em Léopoldville. A ABAKO ganhou conotação partidária em 1956, mas foi criada como associação cultural em 1950.
Moviment National du Congo	MNC	10/10/1958, Leopoldville	Patrice Lumumba	Defensor da unidade congoleza e contrário às tendências de balcanização. Foi dividida em julho de 1959 entre a tendência unitarista de Lumumba (Província Oriental) e a tendência federalista de Kalonji-Ileo-Ngalula-Adoula (Balubadu Kasai).
Parti Solidaire Africain	PSA	04 de 1959, Leopoldville	A. Gizenga	Federalista. Juntou-se à Abako e o MNC/ Kalonji nas eleições dedezembro de 1959.
Parti National du Progrés	PNP	11/11/1959, Coquilhatville	M. Paul Bolya	"Moderado". Cartel de Partidos locais. Considerado como partido que apoiava os interesses da administração belga
Confédération d'associations tribales du Katanga	CONAKAT	11/07/1959, Katanga	Moise Tshombe	Federalista / "autonomista Katanguês"
CARTEL Balubakat-Fedeka	—	—	J. Sendwe	Unitarista por oposição ao CONAKAT. O partido possuía base étnica que representava o grupo dos Baluba do Katanga, dos "Kasaiens" (vindos do Kasai) e emigrantes do Katanga.
Centre de Regroupement Africaine	CEREA	23/10/1958, Bukavu	A. Kashamura e M. Bisukiro	Unitarista. Faziam oposição os grupos de colonos do Kivu.
Union Congolaise	U.C.	12/1957, Elizabethville	G. Kitenge	Partido intertribal
Parti du Peuple	P.P.	—	A. Nguvulu	Federalista. Membro do cartel Abako-MNC/Kalonji-PSA

Aliance Rurale du Kivu	—	—	—	Partido moderado do Kivu
Union Mongo	UNIMO	1960, Bruxelas	J. Bomboko	Tinha por objetivo reagrupar os Mongos do Equador
Association des Ressortissants du Haut-Congo	Assoreco	—	Jean Bolikango	Aliança dos Bangala

É possível notar nesse quadro a pluralidade de partidos e sua composição embasada nas regiões a que pertencem. Estes, não necessariamente, estão se formaram e separaram-se pelo posicionamento político, mas sim pelas regiões ou povos étnicos que representavam.

O *Manifeste de l'Abako* é um dos documentos pertencentes ao Arquivo do Estado belga com os quais estamos trabalhando neste trabalho. A partir de sua análise verificamos a atuação de um grupo de congolezes, que se sentiam à margem da sociedade colonial. Para além disso, ambos os manifestos nos possibilita perceber a rapidez com que se organizou e exigiu o movimento pela independência e a diversidade de posicionamentos que a compunham. A ABAKO, entretanto, defendia uma independência que garantisse privilégios aos Kongos.

Nesse sentido, podemos observar que o manifesto publicado em 1956 marcou a transição para atividade política partidária da ABAKO e teria sido uma resposta ao *Manifesto da Conscience Africaine*. Percebemos, que de um modo geral, ambos defendiam o fim do regime colonial, a africanização dos quadros administrativos, o repúdio à comunidade Belgo Congoleza e o fim da discriminação racial. No entanto, a ABAKO repudiava a questão unitária e sustentava um posicionamento a favor do multipartidarismo e o estabelecimento de um governo federal.²⁷ Apesar de concordarmos com M'Bokolo sobre a importância do manifesto do ABAKO, como documento que representava a expressão da mobilização política no Congo, devemos destacar que anterior a esse manifesto o Congo já havia sido palco de outras manifestações políticas e sociais que criticavam as condições do regime colonial, tão importantes quanto o manifesto da ABAKO, como o manifesto da *Conscience Africaine* já citado por nós ou mesmo outros tipos de manifestações sociais. Através da historiografia, podemos observar que ao longo do processo colonial belga na África Central,

²⁷ NDAYWEL À NZIEM, Isidore. *Histoire du Congo (Des origines a nousjour)*. Bruxelles/Kinshasa (RDC): LE CRI/AFRICAN EDITIONS, 2009, p.168.

os colonizadores enfrentaram diversas formas de resistências, armadas ou passivas, por parte de homens e de mulheres, individual e/ou coletivamente até as independências. Será que estes movimentos de lutas contras as diversas formas de humilhações e trabalho forçado não seriam por si só atos políticos?

Nesse documento a ABAKO posicionou-se claramente contrária à colonização, retratando a atuação de um grupo de congoleses e o movimento interno do Congo pela independência - colônia considerada pacífica e modelo de ordem dos quais os belgas se orgulhavam. No manifesto, o partido Aliança dos Bakongo expressava seu posicionamento anticolonial e a necessidade de efetivar a independência imediata, resguardando os interesses dos povos Kongos. Como podemos observar no trecho do manifesto abaixo, intitulado " L'ABAKO demande l'Indépendance"²⁸:

Au moment où la Belgique, fidèle à ses engagements internationaux vis-à-vis du peuple congolais, est décidée à appliquer, au Congo, la déclaration universelle des droits de l'home, telle que définie par la Charte des Nations-Unies, spécialement en son article 73.-

Etant donné que la Belgique ne renie pas sa signature à la Charte de San Francisco, mais qu'au contraire, elle se prépare à préciser sa pensée en ce qui concerne l'avenir du Congo, attendu que la Belgique compte parmi les peuples libres qui ont proclamé leur indefectable attachement aux principes de la détermination des peuples, l'ABAKO, fidèle également à sa mission de servir les intérêts du Congo et de la Belgique, confirme au Gouvernement Belge, d'une manière définitive et précise la position qu'elle a adoptée et qu'elle a toujours exprimé en ce qui concerne l'avenir du Congo.-

A Aliança dos Bakongo justificava seu manifesto ancorado no artigo 73 da “Carta das Nações Unidas”²⁹, no qual são valorizados os interesses dos habitantes das terras que se

²⁸ Tradução livre da autora do trecho retirado da fonte: " No momento em que a Bélgica, fiel aos seus compromissos internacionais diante do povo congolês, decidiu aplicar ao Congo a Declaração Universal dos direitos humanos, tal como definido pela Carta das Nações Unidas, especialmente no seu artigo 73.- Desde que a Bélgica não conteste a sua assinatura da Carta de São Francisco, mas em vez disso ela se prepara para esclarecer seus pensamentos sobre o futuro do Congo, uma vez que a Bélgica está entre os povos livres que proclamaram o seu apoio aos princípios da determinação dos povos, a ABAKO também fiel à sua missão de servir os interesses do Congo e a Bélgica, confirma ao Governo belga, de maneira definitiva e precisa que a posição adotada, que sempre manifestou sobre o futuro do Congo." Para consultar a fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande la Independence. Disponível em:

<http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr>

²⁹ O artigo 73 da Carta das Nações Unidas relata que: “Os Membros das Nações Unidas, que assumiram ou assumam responsabilidades pela administração de territórios cujos povos não tenham atingido a plena capacidade de se governarem a si mesmos, reconhecem o princípio de que os interesses dos habitantes desses territórios são da mais alta importância, e aceitam, como missão sagrada, a obrigação de promover no mais alto grau, dentro do sistema de paz e segurança internacionais estabelecido na presente Carta, o bem-estar dos habitantes desses territórios...” Ver Charte des Nations-Unies, p.19. Disponível em:

http://www.unesco.org/education/information/nfsunesco/pdf/CHART_F.PDF

encontram sob a dominação de outros países e o desenvolvimento destes. Este artigo específico, sobre territórios que não possuíam governo próprio e as obrigações dos países que os administram, foi considerado pelo *Instituto Real Colonial Belga*³⁰ como “principal elemento jurídico da ação anticolonialista das Nações Unidas”, já que pontua uma série de deveres humanitários para com os povos e os territórios dominados.³¹

Tendo em vista a utilização da Carta das Nações Unidas para legitimar sua exigência pela independência às autoridades belgas, verificamos o engajamento internacional do partido, além de expressar o desejo e o agenciamento dos congolese na luta para que o Congo fosse governado pelos próprios congolese. No manifesto, a ABAKO evidencia “a independência total do território congolês como a única solução pacífica e capaz de harmonizar e de estabilizar as relações entre o Congo e a Bélgica”, logo, para a Associação a independência total seria a única possibilidade de cessar a onda de revoltas e inquietação da colônia.³² Apesar do partido pressionar o governo belga em relação ao caráter emergencial da independência, devemos apontar a proximidade entre seus líderes e as autoridades belgas. O documento expressa o compromisso e a ligação que a Aliança dos Bakongo possuía com o governo belga ao relatar que a Bélgica se comprometia e apoiava a independência, como no trecho abaixo:

Por elle, l'Indépendance totale du Territoire congolais est la seule solutions pacifique et capable d'harmoniser et de stabiliser les relations qui pourraient exister entre le Congo et la Belgique.-

Elle est, en outre, persuadée que toute autre solution donné pour résoudre ce problème ne fera que perpétuer l'état d'inquiétude permanent qui affecte, depuis de longues années, ce pays inquiétude provoqué par une politique coloniale dépassé et qui compromet gravement les intérêts de la Belgique.-

³⁰ O Instituto Real Colonial belga foi fundado em 1928 pelo Ministro Henri Jaspar e tinha seu trabalho voltado apenas para o Congo belga. Atualmente, o instituto foi renomeado em 1954 de Academia Real de Ciências Coloniais, " Academie Royale des Sciences Coloniales", e a partir de 1959 até os dias de hoje o instituto é chamado de Academia Real de Ciências do Além Mar, " Academie Royale des Sciences d'Outre Mer". A Academia Real de Ciências do Além Mar organiza uma ampla gama de atividades que abrangem temas de interesse para territórios ultramarinos ou sobre assuntos mais globais (como a água, a desertificação, o aquecimento global, etc.), que em grande parte são disponibilizados em formato digital para difusão dessas atividades. Um exemplo é a " Commission de la Biographie belge d'Outre-Mer" que tem a tarefa de publicar uma coleção de nota biográfica de belgas e pessoas de outras nacionalidades que trabalhou ou têm contribuído para a reputação da Bélgica. Outra comissão é a "Comité Fontes Historiae Africae" dedicada à publicação de obras de natureza histórica da África. Disponível em: <http://www.kaowarsom.be/>

³¹ LOUWERS, M. O. L'article 73 de la Charte et l'anticolonialisme de l'Organisation des Nations Unies. Mémoires. — Collection in - 8. Tome XXIX, fasc. 2. SECTION DES SCIENCES MORALES ET POLITIQUES. Bruxelles: Institut Royal Colonial Belge, 1952. Disponível em: [http://www.kaowarsom.be/documents/MEMOIRES_VERHANDELINGEN/Sciences_morales_politique/Hum.Sc.\(IRCB\)_T.XXIX,2_LOUWERS%20O._L'article%2073%20de%20la%20charte%20et%20l'anticolonialisme%20de%20l'organisation%20des%20Nations%20Unies_1952.pdf](http://www.kaowarsom.be/documents/MEMOIRES_VERHANDELINGEN/Sciences_morales_politique/Hum.Sc.(IRCB)_T.XXIX,2_LOUWERS%20O._L'article%2073%20de%20la%20charte%20et%20l'anticolonialisme%20de%20l'organisation%20des%20Nations%20Unies_1952.pdf)

³²AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande l'independance. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr>

Le peuple congolais est, en effet résolument décidé à presider lui-même à ses destinées. C'est dans cette atmosphère de liberté qu'il porra, de l'egal à egal, ouvrir un dialogue valable avec la Belgique par ses leaders.³³

Esta citação deixa claro que o Estado belga poderia outorgar a independência do Congo a ABAKO sem se preocupar com que os seus interesses econômicos no Congo seriam preservados e mantidos. Este posicionamento da ABAKO nos faz inferir que esta estaria disposta a estabelecer uma independência tutelada, ou seja, uma independência não independente dos interesses e da intervenção belga no território congolês. O partido da ABAKO e seus integrantes passaram a ser vistos e tratados pela administração belga como políticos congolese moderados, confiáveis para manter um dialogo e, sobretudo, candidatos apropriados para gerir o primeiro governo congolês.

Nesse sentido, o trecho do documento retrata a proposta da ABAKO de independência, pautada numa cooperação entre o governo belga, que esta “concedendo” a independência, e o partido que governará o Congo independente, formando uma espécie de aliança entre as partes. Verificamos também, a partir do trecho abaixo, que a ABAKO se mostrava disponível a desenvolver parcerias com o governo belga para que os interesses dos Kongos fossem resguardados. Desde de sua fundação e como seu próprio nome já diz, a ABAKO voltava suas preocupações ao grupo dos Kongos, como bem destaca M'Bokolo, a ABAKO tinha como um dos principais objetivos:

"defender e promover os interesses dos kongos (ou bakongos), os da província do Baixo Congo e, mais ainda, os que viviam em Léopoldville e que, nomeadamente no plano profissional, se sentiam em posição de inferioridade em relação a 'gente do Alto' (Alto Congo), comumente designados pelo etnónimo colonial de bangalas. O grupo referia-se incessantemente ao antigo reino como a uma idade de ouro, e procurava restaurar a unidade dos Kongos e o seu esplendor cultural e social."³⁴

Dessa forma, a ABAKO consistia num partido cujas demandas e posicionamentos políticos eram construídos a partir do interesse dos povos Bakongo. Sua atuação tendia a ser

³³ Tradução livre da autora do trecho retirado da fonte: "Por isso, a Independência Total de território congolês é a única das soluções pacíficas capaz de harmonizar e estabilizar as relações que possam existir entre Congo e Belgique.-

É, além disso, convencido de que qualquer solução dada para resolver este problema só irá perpetuar a condição de inquietude permanente que afeta o país, depois de longos anos de inquietação provocada por uma política colonial desatualizada e que compromete gravemente os interesses da Bélgica.

O povo congolês esta, de fato, resolutamente decidido de presidir, ele mesmos, o seu destino. É neste clima de liberdade que ele, de igual para igual, abrir um diálogo significativo com a Bélgica." Para consulta da fonte na íntegra ver anexo. AGR, Archives Ernest Glinne, boîte 19. L'ABAKO demande la Independence. Disponível em: <http://www.expocongo.be/content.php?m=6&r=4&doc=208&l=fr>

³⁴ M'BOKOLO, Elikia. África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011 p. 529.

direcionada a um grupo específico do Congo, contrariamente às inclinações nacionais e unitarista.

Diante das demandas dos Manifestos da *Conscience Africaine* e da ABAKO, em 1956 um decreto foi estabelecido para que fossem realizadas eleições urbanas, que foram fiscalizadas e organizadas pelos colonos. Para Isidore, este foi o exercício para se alcançar o sufrágio universal direto, onde homens a partir dos 25 anos pudessem votar, excluindo mulheres, militares, policiais, comandantes e deficientes mentais.³⁵ Nesse sentido, diante do manifesto da *Conscience Africaine* e o contra-manifesto da ABAKO, o movimento inicial em busca pela independência surgiu em torno de uma clara proposta nacional, onde prevalecia a união dos diferentes povos e provinciais que constituíam o Congo, que foi representada oficialmente pelo manifesto da *Conscience Africaine*. Após o posicionamento dos integrantes da *Conscience Africaine*, movimentos de caráter étnico e regionais manifestaram-se afim de resguardar interesses direcionados a grupos específicos da sociedade. Assim, podemos inferir que o processo de independência do Congo iniciou-se com um movimento nacional e a partir desse estabeleceram-se manifestações separatistas bem diversificadas em termos de ideologias políticas e sociais, mas que tinham como ponto comum o sentimento anticolonial. Talvez esse contexto político partidário étnico reproduza o quadro político social da Bélgica, não homogêneo e conflituoso em relação aos diferentes grupos étnicos, que vigora até hoje.

Bibliografia:

AMSELLE, Jean Loup e M'BOKOLO, Elikia. Au Coeur de l'ethnie: ethnie, tribalisme et Etat en Afrique. Paris: La Découverte/Poche, 2005.

HOSCHILD, ADAM. O fantasma do Rei Leopoldo : Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

M'BOKOLO, Elikia. África Negra: história e civilizações. Tomo II (Do século XIX aos nossos dias). Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

MUNANGA, Kabengele. A República Democrática do Congo. Casa das Áfricas.

NDAYWEL À NZIEM, Isidore. Histoire du Congo (Des origines a nous jour). Bruxelles/ Kinshasa(RDC): LE CRI/ AFRICAN EDITIONS, 2009.

³⁵ NDAYWEL À NZIEM, Isidore. Histoire du Congo (Des origines a nous jour). Bruxelles/ Kinshasa(RDC): LE CRI/ AFRICAN EDITIONS, 2009, p.169-170.

OBENGA, Théophile. Le Zaire: Civilisations traditionnelles et Culture moderne (Archives Culturelles d'Afrique Centrale). Paris: Présence Africaine, 1977.

POLLAK, Michel.. Memória e Identidade Social.. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

WILLIAME, Jean-Claude. Patrice Lumumba. La crise congolaise revisitée. Les Afriques: collection dirigée par Jean François Bayart. Paris: Éditions Karthala, 1990